

Poetas portuenses

AQUI há cerca de sessenta anos, mais exactamente em 1928 e 1929, o intelectual portuense João Paulo Freire (Mário) fez publicar no Porto, por conta própria, pelo que se depreende da falta de referências, para além das respeitantes à composição e impressão da Tipografia Civilização, e à distribuição, atribuída a uma livraria da cidade, a Progedior, uma antologia chamada *Poetas Portuenses*, em dois volumes. Qualquer destes volumes há muito que desapareceu das livrarias, certamente, e não se encontra hoje, no máximo, encontrável em algumas bibliotecas. Não será propriamente o que uma superior exigência qualitativa poderia classificar de preciosidade. Será uma raridade. É, pelo menos, uma obra que ainda hoje nos pode suscitar alguma curiosidade. Veremos porquê.

João Paulo Freire (Mário), um nome que hoje não de todo caído no esquecimento. Autor duma obra vasta em diversos domínios: a poesia, a prosa, a camélia. Tudo mais ou menos esquecível, talvez, embora não tanto o feito nos âmbitos da crítica e da actualidade, que a actividade jornalística proporcionou ou provocou, pelo empenho nos problemas políticos, sociais e culturais do tempo, nos anos 10 e 20, neste século, e que terá, pois, alguma importância, pelo menos documental.

A maior parte desta obra, porém, é preciso dizer que nem a conhecemos, desde logo pela sua vastidão. A relação dos títulos pode ver-se em qualquer dos últimos livros que o autor publicou, nos dois volumes desta antologia, por exemplo. Mas supomos que não se trata das últimas obras do autor: João Paulo Freire, pseudónimo Mário, polígrafo e jornalista, dizem-nos os livros que nasceu em 1885 e viveu até 1953.

Poetas Portuenses, no primeiro volume figuram 53 poetas, seriados por ordem cronológica, de Diogo Brandão e Luís Pereira Brandão a Ramalho Ortigão, e Sousa Viterbo e Vaz Passos, ou seja, do classicismo quinhentista até à actualidade de então, anos 20 deste século. A maior parte é do século XIX, ou seja, do Romantismo, e, principalmente, do Ultra-Romantismo que, como é sabido, conheceu no Porto larga e demorada voga. Avultam, naturalmente, nomes como Tomaz António Gonzaga, Alexandre Braga, Almeida Garrett, Ana Plácido, Coelho Lousada, Pinheiro Caldas, António Nobre, Augusto Luso, Amaldo Gama, Faustino Xavier de Novais, Guilherme Braga, Júlio Diniz, Soares de Passos, Agostinho de Campos, Alberto Pimentel, Ramalho Ortigão, embora nem todos por motivos que se prendem com o significado ou a representatividade da obra poética que deixaram legada à posteridade. Gonzaga, Garrett, Soares de Passos e António Nobre, por exemplo, são referências inapagáveis da história da poesia portuguesa. Outros terão feito coisas mais importantes noutros domínios, e nem tanto, ou menos, no domínio da poesia: João Paulo Freire (Mário) incluiu-os, certamente porque as intenções e os objectivos que nortearam o seu trabalho não tinham muito a ver com maiores exigências. Visar-se-ia apenas reunir em livro autores de poesia que tivessem

Continua na pág. 3

O último romance de José Cardoso Pires

«Alexandra Alpha» e o desmantelar dos mitos lusitanos

por Urbano Tavares Rodrigues

SUPERIOR a «O Delfim»? Diferente, mas ao mesmo nível. Após a segura deliberada de «A Balada da Praia dos Cães», José Cardoso Pires escreve um romance onde a invenção estilística e verbal é permanente, onde a análise da realidade portuguesa, dos seus grandes mitos, os seus lugares-comuns, dos seus deuses tutelares é levada a cabo por um humor ora acerbo ora despejadamente chocarreiro, que tudo revolve e subverte.

«Alexandre Alpha» é uma longa, densa, céptica narrativa circular que caldeia a ironia e a ternura, o sarcasmo e o encantamento e faz evoluir no tempo e com ele mudar, desabrochar, definir-se, ao sabor dos seus meandros e dos seus precipícios, uma mão-cheia de personagens paradigmáticas. Um início poético e dramático, de estonteante beleza, um final igualmente dramático, tocado de fervor e de grandeza, como o começo. Da queda do anjo vermelho, que se esmaga nos rochedos da Ponta do Arpoador à ascensão e à morte das duas «manas» numa avioneta de asa delta, pilotada por um padre revolucionário, transcorre o dia-a-dia de um país e de uma cidade, cuja vida morna é sobressaltada por uns quantos factos marcantes — a queda de Salazar da cadeira, a morte do pai e o velório em Beja, a fuga de um cineasta vigarista, a prisão do faquir, o arquitecto Nuno agarrado pela PIDE. O mais são rumores do Maio francês, bebedeiras do Opus Night, conversas do bar Crocodilo ou de salão (caricaturas, aliás, fabulosas). Até que — e as frases ganham então uma frescura luminosa — chegam os dias novos de Abril: as horas do Largo do Carmo, o abrir das prisões, tudo o que se seguiu, a louca fraternidade dos cravos, o teatro na rua, a esperança em chama, a revolução autêntica cercada de ameaças e algum carnaval (até em volta de Alexandra, na Alpha Linn) a miná-la.

São vários os processos de enunciação que José Cardoso Pires aqui adopta. Há um narrador heterodiegético responsável pelo fluxo narrativo, mas com ele concorrem fitas gravadas, apontamentos ocasionais da personagem nuclear — os «papéis de Alexandre Alpha» —, micronarrativas da responsabilidade de outros agentes diegéticos (as fotos de Diogo Sena, a Parábola da Mulher Dragão, etc.). E fichas de relatório policial (como na *Balada*): assim nos é contada a noite da prisão do Nuno L.

Certa familiaridade com o romance norte-americano fascinado pelo documento (Truman Capote no seu melhor) presente-se nesta arte efabulatória, embora a originalidade do talento de Cardoso Pires se

afirme vigorosamente na utilização e na reformulação desses recursos narrativos e, de um modo a que o leitor experiente tem de render-se, no discurso espirituoso e incisivo, na técnica de bem contar com a palavra justa.

Da língua comum, que Cardoso Pires bem conhece, língua dos bares e das ruas, dos bêbados, das putas, dos marginais (é impressionante, de resto, o poder mimético que o autor exhibe neste livro), arranca ele o seu estilo pessoalíssimo. Diz Mikhail Bakhtine que «o estilo individual de um escritor nasce e desenvolve-se (...) no fervilhar da vida ideológica. A sua dinâmica é, antes de mais, a transformação, na história, de avaliações geradoras de formas» (1). Conceitos que se aplicam exemplarmente ao texto de Cardoso Pires. Se o riso é progressista, como garantia Brecht, *Alexandra Alpha* ilustra bem esse princípio. Mas importa acrescentar que esse riso tem quase sempre um reverso ou um eco amargo.

Neste romance de cópulas e copos em que os heróis matam o

tempo ranhoso da ordem superiormente fixada nas salas de desconversar e nos círculos de mijar finzas culturais (Bernardo Bernardes, mestre da palavra barthesiana, senhor de muitas subtilidades e de uma informação riquíssima, intimamente troçado por Alexandra Alpha: «Luís de Camões ou Luís de Camus?»), as personagens constroem-se pelos comportamentos e pelo discurso próprio. É um idiolecto, por vezes à beira do dialecto, que o transmontano Opus Night fala, código de bar, machista, da noite boémia, salpicado de provérbios, figuras pitorescas da direita «torta». Inexcedível de gozo e de significado a cena em que, humilhado e atordoado, ele contempla, numa rua da zona do Cais do Sodré, um mural de Abril, na companhia casual de um ébrio que lamenta o canário perdido e invectiva uma ausente interlocutora.

São os oportunistas, nem cá nem lá, sempre na crista da onda cultural (Sena, Frago, Bernardes) os alvos mais directos das setas envenenadas



— e não esqueçamos que Alexandra, a do «corpo ingrato», é quem melhor os vê, quem detém por mais tempo o foco narrativo, embora Sofia Bonifrates, outra prodigiosa escultura verbal, amorosamente, isto é, sardonicamente, composta, ou recomposta, atravessa amiúde o texto e o encha por vezes com a sua presença tão anos sessenta (pesquisa etnográfica, subsídios, dormir com o povo na cama, fintas ao risco da prisão...)

O sério e o jocoso andam tanto de mãos dadas neste livro que nele a anedota é por vezes tristíssima e o sublime roça pela caricato. Bonecos de ouro e lama: João de Berlangas, duro como uma estaca, generoso e agiota, com os seus coelhos licornes e o fantasma da cadela caçadora.

Romance de mil estórias, mas sem intriga clássica, centra boa parte do seu discorrer no tempo em torno da invenção ou da descoberta do Menino das Bruxas, ou Doutor-Soldado, que comove a carne de Alexandra e volta impotente da guerra, até que o 25 de Abril o restitui à acção, colocando-o no lugar exacto.

Vários feixes digéticos vão iluminando a complexa relação entre Alexandra e Beto, em que há, por parte dela, a saudade de Waldir, o amante perfeito, e marcas dúbias da maternidade; do lado dele, a busca da identidade, entre o afecto e a rejeição da mana madrastra, o pudor que se enfurece e a sombra do incesto, a esquiva da adolescência, tanta coisa mais, apenas sugerida, insinuada.

Aliás, já que de identidade falámos, diga-se que *Alexandra Alpha*, discurso sobre dois tempos históricos, é — já Cardoso Pires o adiantou numa entrevista (2) — uma metáfora de Portugal. Um desmantelar da feira dos mitos. E também um hino à Mulher, à mulher como Alexandra, com o seu fervor de liberdade, o seu «corpo sem memória». E ainda, por entre uma floresta de acesas gargalhadas, a evocação luminosa e nostálgica da Revolução perdida.

(1) Todorov, Mikhail Bakhtine — *Le Principe Dialogique*, Éditions du Seuil, Paris, 1981, p.p. 256, 257.

(2) Entrevista de Francisco José Viegas no primeiro número de «Ler Livros e Leitores».

